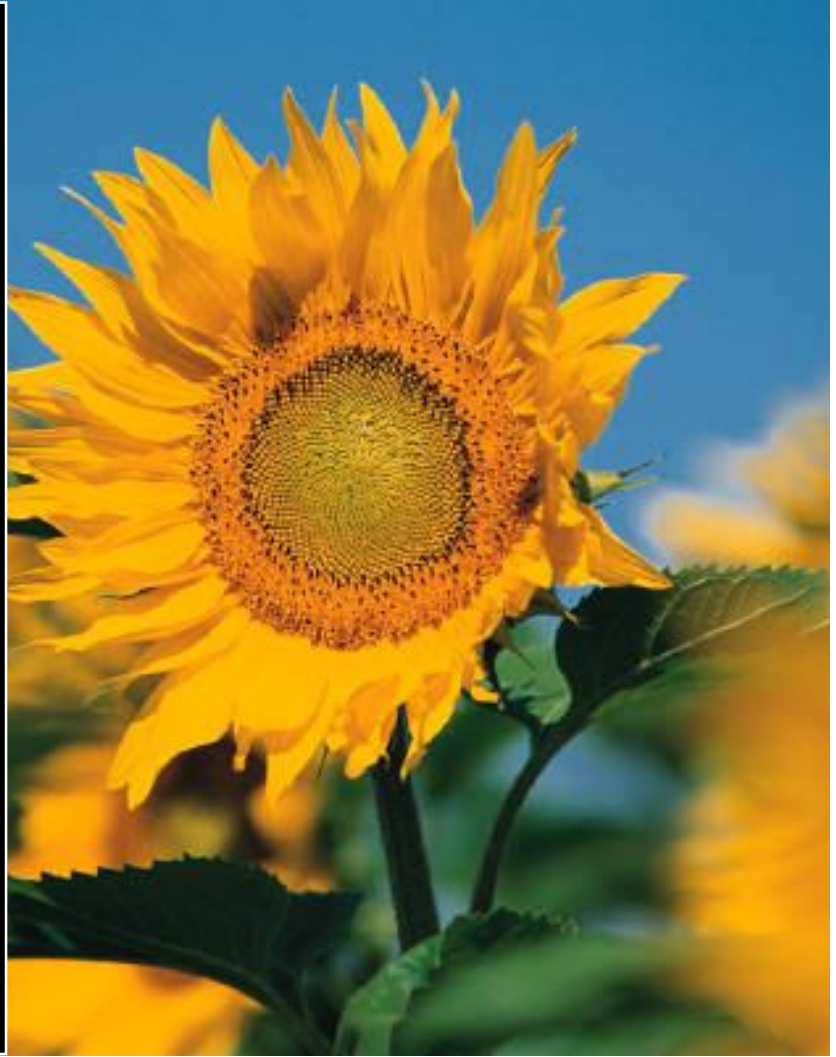


Viagem pelos sentimentos

Herculano Alencar



Aqui reúno poemas líricos, românticos e faço uma viagem pelos labirintos de vários sentimentos!

Que atire a primeira flor

Quem não viveu paixões desesperadas...
amou, quase morreu de tanto amar.
Quem não beijou, até perder o ar,
a boca, em outra boca, afogada.

Quem não carpiu, infindas madrugadas,
as lágrimas traídas da razão.
Quem não sentiu no próprio coração
aquela sensação de tudo ou nada.

Quem não buscou refúgio na calçada
do muro que encastela a musa amada
e deu-se em corpo e alma ao violão.

Que atire, neste amante indigente,
a flor primeira, a rosa indiferente
aos beija-flores mortos de paixão.

Amor fingido

Quando acordei ao sol de um novo dia
e vi a luz entrar pela janela,
deixei a rosa achar que fosse ela
o lírio que me trouxe a poesia.

Quando acordei do sono em que dormia
sob os lençóis de amor da madrugada,
deixei a rosa achar que fosse amada
por todos os colibris da cercania.

Meu Deus, será que a rosa não sabia
que não havia nem um colibri?
Que o verso de amor que escrevi
foi que luziu o sol do novo dia?

Não sei... e se soubesse não diria,
pois sou o lírio que fingiu pra ti.

Sonho de amor

Quem sonha, como eu, o amor criança;
o amor, inda de fraldas, gatinhando...
é capaz de saber aonde e quando
deu-se o primeiro passo desta dança.

Quem anda, como eu, pela lembrança
e dorme nos hiatos do passado,
é capaz de enxergar, do outro lado,
um lugar que a vista não alcança.

Um lugar onde o sonho não se cansa
de olhar o amor e a esperança
transpassarem a linha do presente.

Um lugar onde a música não cessa
e eu possa cumprir minha promessa
de viver sem sonhar inda que tente.

Soneto do primeiro amor

Guardo uma velha rosa ressequida
dentro do meu soneto mais antigo,
como prova da noite que, contigo,
eu colhi a primeira margarida.

A lua, qual menina preterida,
de cúmplice tornou-se testemunha.
Sabia mais de mim do que supunha,
soubesse eu da minha própria vida.

Hoje, ao escrever este soneto
feito em menção de ti, eu te prometo
deixar teu nome escrito junto ao meu.

Deixar a velha rosa na saudade
e descansar, por toda a eternidade,
à sombra de Eurídice e Orfeu.

Amor e dor

Ébrio, perdidamente apaixonado,
o homem vomitava na saudade
o porre de um amor da mocidade
bebido há muitos anos no passado.

Junto do copo, o pranto derramado
por sobre uma foto em branco e preto.
No guardanapo, a rima de um soneto
coloca amor e dor no mesmo lado.

A dor, fiel parceira do coitado,
atravessou-lhe o pranto num só nado
e foi reconfortar-lhe o coração.

O amor, por sua vez, não disse nada.
Dormiu junto ao ébrio na calçada,
guardando-lhe o sono como um cão.

Anáforas de amor

Um pedaço de sol no horizonte;
uma estrela candente no caminho;
uma flor circundada de espinhos;
um amor que procura seu amante.

Uma luz que se apaga bem distante;
uma uva que dá sabor ao vinho;
um amor que, de só, vive sozinho;
um suspiro de dor a todo instante.

Um poeta que escreve com carinho
um poema que foi escrito antes;
uma dor de saudade lancinante;
uma ave que parte e deixa o ninho.

Um pedaço de ti, um pedacinho:
faz -me rir e chorar num só instante.

Mentira de amor

Hoje menti por pura hombridade!
Uma mentira à toa, inocente...
Menti daquele jeito que se mente,
quando a mentira é quase uma verdade.

Hoje menti, pois era muito tarde
pra esconder de ti minha mentira:
aquele amor que sonha e que delira
e atiça-me o desejo, que me arde.

Hoje menti por pura cerimônia!
Menti para esconder-me da vergonha
de ter que mendigar por teu perdão

no chão em que arrasto meu degredo.
Hoje menti, menti por puro medo
de nunca mais erguer-me desse chão.

Concepção

Ah, o amor! Essa coisa démodé,
esse substantivo masculino,
que os poetas cantam como hino,
é tudo o que me resta de você.

Amor que aparece da tevê,
na cena mais sentida da novela,
aquela em que o sol brilha na tela,
é tudo o que me falta de você.

Ah, o amor! Essa coisa sem sentido,
que você traz de mim sob o vestido,
é tudo o que resta de nós dois.

Amor que encurtou o seu vestido
e finalmente vai fazer sentido
o choro que se espera pra depois.

Uma história de amor

Virgulino Ferreira (Lampião),
como a voz da história lhe credita,
foi amante da moça mais bonita
que um dia vagou pelo sertão.

Uma flor, por detrás de um gibão,
que servia ao peão de montaria,
quando à noite buscava por Maria
pra calar o fuzil no coração.

Foi-se a flor, fez-se tempo, veio a morte.
Veio a bala, a peixeira, veio o corte
das cabeças ceifadas sobre chão.

A história de amor, então completa,
ganha o mundo à procura de um poeta
que consiga acender um lampião.

Quem não falar de amor...

Quem não falar de amor, mesmo que seja
só pra dizer adeus em frente à morte,
há de passar a vida sem um norte
que dê sentido aquilo que almeja.

Quem não falar de amor enquanto beija,
o beijo há de calar-se para sempre
e, mais... é bem provável que não lembre
do gosto da paixão, quando deseja.

Quem não falar de amor, que seja um dia,
jamais há de ouvir da poesia
o verso que guardou no coração.

Não ouvirá sequer um só gemido
e digo, honestamente, não duvido
que a vida, desta feita, foi em vão.

Jura de amor

Amor, que é amor, quando adormece
faz uma prece, ainda que em sonho!
E sonha grande, e sonha do tamanho
que caiba a dimensão da sua prece.

Amor, que é amor, jamais esquece
o beijo congelado no Adeus.
Devolva-me o beijo, que foi meu,
enquanto meu amor não se esmaece.

Reflita a beleza que há na jura
da fase imatura do amor.
Não seja cega, não seja tão dura...

Eu sou o teu poeta e teu senhor!
Não deixe que eu encontre na loucura
a lucidez fugaz de um sonhador.

O meu amor

O meu amor ao teu reverencia,
qual um vassalo faz ao seu senhor,
pois é tão dependente desse amor,
quanto o poeta é da poesia.

O meu amor é mais do que devia
e muito menos que pretende ser,
pois é maior que o medo de perder,
do teu amor, a terna senhoria.

O meu amor sucumbe aos beijos teus
do jeito que a saudade ao adeus
e o adeus sucumbe à solidão.

O meu amor é teu amor despido
que sangra sob a flecha do cupido,
pra mitigar as dores da paixão.

Antiquário de amores

Hoje saí colecionando amores
e recolhi-os todos, aos milhares:
amores ébrios que perdi nos bares,
amores sóbrios de todas as cores.

Amores doces que perdi nos mares,
amores tristes que achei nas ruas,
amores puros sob a luz da lua
e amores falsos em todos os lugares.

Amanhã vou abrir meu coração
e expor, nos achados e perdidos,
todos os amores desta coleção.

Esconderei somente o preferido
e que me deu tristeza e ilusão:
o amor por ti, em todos, escondido.

Amor fora da lei

Se eu amei? Amei-a até a morte!
Amei, ainda amo e amarei...
Amei como escravo e como rei,
amei co'a tibieza de um forte.

Bem sabes tu o quanto eu amei.
Aquele amor que morre e não termina,
que tange o coração, qual bailarina,
e mata pra viver fora da lei.

Se eu amei? Amei mais do que pude!
E hoje peço a Deus que me ajude
curar-me desse amor antes do fim.

Pois se amei e amo sem limite,
quiçá o próprio Deus não acredite
em todo esse amor que dói em mim.

Amor vero

Amor, que é amor, que é verdade,
não pede, não olvida, não espera...
É como uma flor na primavera
em busca de calor e humildade.

Amor, que é amor, não tem idade,
não morre, não desmancha, não perece...
É como um verso solto numa prece
em busca de encontrar a divindade.

Amor, que é amor, que é de fato,
é como um riso preso num retrato
que algemou o tempo em um instante.

Amor, que é amor, é tão somente,
o gérmen que anima a semente
que há de ser um dia um novo amante.

As primícias do amor

Douravam-lhe as nalgas ondulantes
o corpo acinturado de donzela!
Os grandes lábios a falar por ela
e a gaguejar em tom balbuciante.

Senti na eternidade do instante,
como um rufar, o adeus da virgindade,
qual pranto enrubescido -em castidade-
a colorir seu púbis de amante.

Seus seios rijos lambiam os meus!
A boca emudecida pelo adeus,
a mão silente, a despertar libido,

fundia meus suspiros com os seus,
a festejar o amor que ora nasceu
na paz que acolheu nossos gemidos.

Amor secreto

Eu brigo com o sol, ou outra estrela
que tente ofuscar nosso caminho.
Destruo tudo até ficar sozinho,
pois mesmo só ainda posso tê-la.

Nem mesmo o sono vil e traiçoeiro,
que se abateu por sobre o meu cansaço,
vai me fazer perder o seu abraço,
ainda que ele seja o derradeiro.

Que venha o sol, um passo inda mais cedo,
farei o céu voltar à escuridão
e assim o nosso amor fica em segredo

no imo do meu tosco coração.
A chave do meu peito eu só concedo
depois que houver morrido na prisão.

Amor perdido

Havia, na camisa, um colarinho
em que deixaste a boca tatuada.
E lá seguia eu pela calçada
como quem anda à toa, sem caminho...

Havia, em uma rosa, um espinho
qual um amor carpido na saudade.
E lá seguia eu pela cidade
como se fosse sempre tão sozinho.

Havia certo alguém no meu destino.
Alguém que lentamente foi sumindo,
qual mancha esmaecida pelos anos.

Havia sim, mas esqueci quem era.
E hoje rogo a Deus: ah! quem me dera,
pudesse reviver meus desenganos.

O Amor é cego?

sim! O amor é cego, surdo e mudo.
Cego porque não vê um só defeito;
surdo porque escuta do seu jeito;
mudo porque se cala para tudo.

Então, por que se diz amor perfeito,
se o amor é cego, surdo e mudo?
É que o amor tem fé e, sobretudo,
há sempre um coração dentro do peito,

lugar em que o amor faz moradia.
Um coração que bate noite e dia,
que sente, e enxerga, e ouve, e fala.

Um coração que sabe que o amor
-um cego, surdo, mudo e sonhador-
ainda que enxergue e ouça: cala!

Briga de amor

Vou abater-te, cupido atrevido,
com todos mísseis do meu sentimento.
Não há distância para um sofrimento
errar o alvo que o tem ferido.

Reza... Reza, por que tua vida finda.
Quero-te longe do meu paraíso!
E vou sorrir, chorar, se for preciso,
ao conquistar a minha musa linda.

E vou deixar-te inerte sobre o chão;
triste semblante, tez descolorida...
Então terei orgulho da paixão,

que, de bela, voraz e aguerrida
não se conteve no meu coração
e te matou pra me trazer à vida.

Imagem real

O amor abraça o ódio comovido,
como num reencontro de amizade.
E beija-o com força e com vontade
e fala de paixão ao pé do ouvido.

O amor ama o ódio. Não duvido!
E ama por que é do seu feitio
nadar sem que conheça a foz do rio,
até que chegue ao mar desconhecido.

O ódio beija o amor de qualquer jeito,
como quem beija um velho conhecido.
Pois é o próprio amor envelhecido
que caducou, senil, dentro do peito.

O amor imita o ódio nos defeitos,
talvez por isso sejam parecidos.

Soneto do amor que foi

Preciso te contar dessa saudade
que encardiu os nossos travesseiros!
Já nem me lembro mais quantos janeiros
teu cheiro condenou-me à eternidade.

A rosa, que murchou, sem piedade
ainda hoje grassa na lembrança
a dúvida, a cruel desconfiança,
que dorme entre a mentira e verdade.

Foi tanto amor perdido, tanto e tanto...
que quase se esvaiu, junto do pranto,
nas águas outonais daquele dia.

Restou-me a ilusão da primavera,
que fez morrer na dor da longa espera
o resto de saudade que eu sentia.

Amor

Amor, palavra torta subscrita
por todos os poetas que há no mundo.
Vocábulo banal e injucundo,
de uso trivial na fala escrita.

Amor, palavra antiga já proscrita
das formas magistrais de poesia.
Não passa de um vício de grafia:
um lapso, que ao lirismo, se credita.

Amor, substantivo masculino
que aliciou os sonhos de Platão
é como os cinco dedos de uma mão
curvados sob a força do destino.

Amor -velho poema- inquilino
do coração-poeta que inda bate
no peito agonizante de um vate,
ungido pela bênção do divino.

Amor retirante

Na bagagem, o amor leva saudade!
Lençóis umedecidos pelos prantos!
leva seus beijos, que não foram tantos,
pois que só leva os beijos de verdade.

A mala do amor é a soledade!
Um matulão que nossa dor teceu
ruído pelas traças do adeus
e embolorado de infelicidade.

Na viagem, o amor é retirante!
Um nômade, nas trilhas da esperança,
atrás dum porto em mares distantes.

Navega dia e noite e não se cansa
de embarcar no porto um novo amante
que o acompanhe em sua eterna andança.

Plágio poético do amor

Sou eu quem fere a tua poesia
com os golpes sutis de um escultor,
que empresta às mãos a arte do amor
para extorquir de um coração que cria.

Se tu soubesses, compreenderias,
por que ninei teus versos no meu peito
e deles me apossei sem tê-los feito.
Se tu soubesses, me perdoarias!

Não vêes que o amor é um poema vivo,
que sai da alma pra ganhar o mundo,
procura, cego, um coração fecundo
e acha um poeta pra ficar cativo!?

Eis-me aqui, escravo, um réu confesso,
um plágio vil da tua inspiração.
Julgas-me, pois, com o teu coração
e eu te Juro...nada mais te peço!

Morrer de amor

Amor, que ora é reto, ora é torto...
É como o renascer de um novo dia...
Um verso que nasceu da poesia
e que morreu por que já nasceu morto.

Pois o amor não morre e ressuscita,
como se fosse um surto de paixão.
O amor que morre, nunca morre em vão,
pois torna a morte ainda mais aflita.

Morrer de amor, não sei quem acredita,
mas se morrer, que seja, então, bendita
a última palavra de agonia.

Por que será de todas as verdades,
aquela que terá capacidade
de dar à morte um pouco de alegria.

Amor literal

De tão surrada, a palavra amor
tornou-se pieguice em dialética.
Letras a ermo, restos de fonética,
nas rimas pobres do compositor.

Amor, esta palavra tão patética
que os poetas cospem com fartura,
não é senão uma caricatura,
mata-borrão de inspiração poética.

Amar é, do verbo, a desinência,
e da rima, o verso desbotado.
Amor - literalmente nunca amado-
é só uma palavra em evidência.

Substantivo adjetivado
subentendido pela reticência.

Poema do amor secreto

Eu te amo tanto!
Te amo como um vício,
te amo desde o início,
que já nem sei o quanto.
Te amo nos meus sonhos,
te amo acordado
com meu amor velado,
meu coração bisonho.

Que ama escondido,
e ama, assim, sozinho,
e ama com carinho,
meu coração vencido.
Que ama do seu jeito
com seu amor covarde,
que ama sem alarde,
aqui, dentro do peito.

Que ama em segredo
com seu amor guardado,
que ama sem pecado
com seu amor brinquedo.
Que ama eternamente
de todo o coração,
com toda essa paixão,
que dói dentro da gente.

Paixão Selvagem

A noite trouxe as garras da pantera
e um rosar sutil ao meu ouvido!
Seu corpo instigante e bem nutrido
saldou-me a ansiedade da espera.

Os seios, dois botões na primavera,
roubaram, da paixão, todo o vicejo,
enquanto a boca, prenhe de desejo,
fazia-me refém da bela fera.

O amor, porto seguro da paixão,
livrou-se das comportas da razão
e misturou-se às águas da loucura.

Não fosse a manhã bater à porta
e restaria uma fera morta
e um poeta em transe de ventura.

Paixão crucificada

Fosse nascido numa manjedoura;
Ouvisse a mãe mugir a castidade;
talvez arrefecesse a tempestade
no seio de paixões devastadoras.

Cruéis paixões, morenas, negras, louras...
que me abateram pela a vida afora
são a saudade que me abate agora,
no holocausto das paixões vindouras.

Se fosse filho de outra Maria,
a que guardou o sêmen de José
e concebeu, pela paixão da fé,
a santíssima paixão que lhe cabia;

Talvez, bem antes do terceiro dia,
ressuscitasse, em triunfante cena,
os beijos que negou a Madalena,
para lavar no pranto de Maria.

Viagem na paixão

Longos cabelos, ondas de carinho,
te caem pelos ombros em segredo.
Falam comigo, sabem do meu medo
de interpor-me pelo teu caminho.

As minhas mãos por dentro do teu ninho,
meu coração velando por teu zelo,
imaginando quão dourados pelos
vão encontrar no meio do caminho.

E tateando, como um cego, à sorte,
na maciez das curvas do teu corpo,
mantém a vida tão perto da morte

e o coração a se fingir de morto;
Mas que batendo, cada vez mais forte,
ancora triunfante no teu porto.

Paixão aculturada

Vivemos hoje a derramar cultura
pelo vazio do nosso passado.
Pagino um livro a cada beijo dado
nos lábios pouco abaixo da cintura.

Morreu em nós aquela criatura,
que se entregava, assim, despudorada...
a espalhar por muitas madrugadas
os gritos de prazer a toda altura.

Não mais ciúme, nem vulva molhada!
Viramos peça de literatura:
página sóbria entre capas duras,
a segredar a história não contada.

Aquela história que foi editada
quando o amor era nossa cultura
e cada beijo, abaixo da cintura,
repaginava as nossas madrugadas.

Paixão voraz

Sou um escalpo do fagedenismo
da paixão bulímica com que me devoras.
Anoiteço em claro a tropeçar nas horas,
na insone entrega ao teu canibalismo.

Passo pelas noites a romper auroras,
ruminando a paixão que me atassalha:
A dor, que punge o peito qual navalha
e, teimosamente, não se vai embora.

Sou hoje, do que fui, uma migalha;
um pirilampo sem luz na escuridão,
a tatear nos túneis da razão,
aonde possa despir minha mortalha.

Pudesse encorajar meu coração!
Pudesse amordaçar o meu desejo!
Somente assim eu morreria ileso
da gula compulsiva da paixão.

Jogo de paixão

Beijei-lhe a boca dando início ao jogo,
com minha boca prene de desejo,
que fez-se noite no primeiro beijo,
como a fumaça a inebriar o fogo.

E passei por trás do seu pescoço,
a minha boca com o sabor da sua,
e mordisquei a pele seminua,
deixando o coração em alvoroço.

E fui, pelas nas veredas da sedução,
a tatear seu ventre com as mãos,
até verter humores de prazer.

Enfim, fechei as porta da paixão
e saídas deste coração,
ganhando o jogo que eu quis perder.

Ensaio romântico

Pra cada beijo morto de saudade
há outro beijo vivo, de partida,
nos lábios de uma boca já despida,
que espera saciar sua vontade!

Pra cada boca morta de vontade
há outra boca viva, já despida,
á espera de um beijo de partida,
que viva eternamente na saudade!

Se a saudade é filha da partida
e a partida, mãe da despedida,
há sempre em cada boca uma saudade.

Por que a boca já vive despida,
a esperar a eterna despedida
do beijo que sacia-lhe a vontade.

Coração-cupido

A poesia pediu-me que viesse
no abrir asas da minha saudade,
para dizer-te da felicidade
que, no meu coração, ora floresce.

Pediu-me que falasse da vontade
que me chafurda fundo o pensamento
e que me põe a semear o vento,
para colher paixões na tempestade.

Eis-me servil, a mando da Poesia,
em meio a tempestades de paixão.
Trago a salvo, o escravo coração,
que não soube fugir quando podia.

Eu e o beija-flor

Voa, ó meu pequeno passarinho,
de rosa em rosa, toda essa estrada
etérea, colorida e perfumada,
que eu te seguirei pelo caminho.

Rouba pra mim um pouco de carinho
das tuas namoradas, tuas flores,
cuja beleza soma-se às cores
que ornaram o sossego do teu ninho.

Traz ao meu coração a flor vadia
que dá-se ao teu bico em poesia,
tal qual um condenado ao seu algoz.

E em tuas asas, plumas de magia,
exibe para o mundo a liturgia
do voo que ensaiaste para nós.

Minha Flor-de-lis

Te veste de rubro, o augusto semblante,
pudico sinal de moral, de pureza...
Sem máculas, sem dúvidas, apenas certeza
do homem que queres tomar por amante.

Um amante que ame com delicadeza;
Que encontre tesouros há muito guardados;
Que encontre os lugares jamais visitados
da alma escondida por trás da beleza:

Teus seios, teus olhos, teus poços febris,
remanso em que afogo e mato o desejo,
que nasce no toque, carícia, no beijo...
E morre em tua boca minha Flor-de-lis.

Paixões do Araguaia

Balouçante sobre a mansa correnteza
vai meu coração, em piracema e cio,
desovar nas doces águas desse rio,
em comunhão carnal co'a natureza.

Em um momento, de rara beleza,
todos os amores naufragos de paixões
desatam-se de antigas ilusões
e deixam os seus "ais" na profundez.

A esperança vira poesia
e segue a perder-se no horizonte.
E juntos vão os corações amantes
ao encontro do céu de um novo dia.

Apixonamento

Ai, quem me dera estar apaixonado!
Sofrer um pouco mais como sofria!
Ouvir, como se fosse sinfonia,
o gotejar da chuva no telhado.

Sofrer a dor de quem sofre calado,
só para dar motivos ao meu pranto.
E assim poder chorar -e chorar tanto-
até sentir chorar por ter chorado.

Ai, quem me dera ter a dor antiga,
aquele frio quente na barriga,
a lágrima que, sem explicação,

tangia meu olhar, qual a neblina
que ora na vidraça e na retina
desliza sem saber por que razão.

Abandono

Exilei-me de mim, completamente,
desde o primeiro beijo que te dei!
Depois de tanto tempo inda não sei
se há lugar pra mim na minha mente.

Nem mesmo sei ao certo se sou gente
ou sou algum destroço do passado!
Meu coração -ainda um exilado-,
descompassado, bate inconsistente.

Sinto que até min 'alma foi-se embora,
deixando sobre a mesa -de penhora-
os versos que, de ti, eu escondia.

Mas, apesar de mim, o sol desponta...
e sempre algum poeta paga a conta
do tolo que bebeu a poesia.

Amar em segredo

Brigo com o sol e com qualquer estrela,
que se interponha no nosso caminho.
Destruo o mundo e fico sozinho,
pois mesmo só ainda posso tê-la.

Nem mesmo o sono, vil e traiçoeiro,
que abateu, dormente, o meu cansaço,
vai me fazer perder o seu abraço,
ainda que não seja o derradeiro.

E se o sol lhe acordar mais cedo,
ordeno aos céus que torne à escuridão,
e assim o nosso amor fica em segredo;

Fica trancado no meu coração!
A chave é sua pois eu lhe concedo,
como um brinquedo de estimação.

Versos de amor

Sempre que eu escrevo sobre amor,
me vem à mente um verso tão usado,
que dá-me a impressão de ser culpado
por esta pobre rima: amor e dor.

Mas para ser poeta, meu senhor,
hás de plantar a flor da poesia,
rimar amor e dor e, quem diria,
vestir a fantasia de escritor.

Pois bem, eu resolvi que doravante
vou entocar no fundo da estante
os versos de amor que recitei.

Rasgar o meu Viniciu de Moraes
esperarei até não poder mais,

Ao abandono

Um pedaço de mim dentro de ti
pulsa como as artérias no meu peito,
enquanto eu, insone no meu leito,
procuro alguma coisa que perdi.

Quiçá minha paixão não tenha jeito
e eu hei de morrer sem teu abraço.
Quiçá meu coração seja o pedaço
que pulsa junto a ti quando me deito.

Um pedaço de ti dentro de mim
vasculha o meu ser, pelos confins,
tentando encontrar meu coração.

Não há de encontrar um fragmento,
pois tudo o que me resta no momento
é o jazigo imenso da paixão.

Apenas amou!

Amou, por que amar é um direito.
Amou o lado certo e o errado.
Amou como quem ama sem pecado
e adormeceu, enfim, no próprio leito.

E foi amando sempre do seu jeito,
que encontrou a tal felicidade.
Amou desde a manhã até à tarde
a boca que mordia-lhe o peito.

Se é que inda exista amor perfeito
o seu amor chegou á perfeição.
Se é que inda exista coração,
seu coração, de amor, se havia feito.

Amou, por que amar é um defeito,
que nunca alguém procura a solução.

Ciclotimia do amor

Quando o amor acordou no meu peito,
ainda travesso, engatinhando,
e foi crescendo e foi ganhando
o meu sangue... o meu corpo...

Pulsando junto às batidas
do coração para a vida,
onde eu pensava morto.

Tive ciúmes, não sei!
Talvez um medo medonho
de acordar do meu sonho,
por força da sua lei.

Meu sonho adolescente,
que mentia e ainda mente,
fingindo que eu acordei.

Quando o amor dormiu no peito,
não muito sóbrio, claudicando...
e foi morrendo... foi minguando
onde houvera vida.

Fez-se um algo vazio,
que vaporou-se do cio
Eviscerou-se em ferida!

Tive tristeza, talvez!
Não me recordo direito
o que restou no meu peito
daquela primeira vez.

Coração tolo

Este meu coração velho de guerra,
jamais capitulou frente à paixão.
E se rendeu-se a outro coração,
é que um coração às vezes erra.

Hoje ele repousa na acerra,
ao lado do cadáver deste vate,
qual um artista que forjou da arte
as dores de amor que ela encerra.

Este meu coração, velho parceiro,
parou e entregou-se por inteiro
a um coraçãozinho sem valor:

Um coração sem pé e sem cabeça
que bate pela vida, às avessas,
no colo de um botão que já deu flor.

Corte à musa

Tu és a flor que tímida espera
forjar do mel a seiva do pecado,
junto daquele beijo apaixonado,
que o colibri roubou da primavera.

A flor que o desejo dilacera
quando a paixão impõe-se à poesia
e deixa entrar no ventre, à revelia,
o sêmen que verteu de outra hera.

Oh, bela flor vermelha e delicada,
eu hei de mitigar o teu perfume
e fenecer nos ombros do ciúme
até que chegue ao fim minha jornada.

Mas se tu fores minha namorada,
farei amor à luz de um Vaga-lume.

Desencontro

Guardo aquele olhar com que vestiste
a íris (colorida lentejoula):
olhar tão opiáceo, qual papoula,
de um fulgor que já não mais existe.

Aquele olhar que teima e que insiste
em desassossegear o meu olhar.
Que ri um pouco antes de chorar,
ainda que o riso seja triste.

Aquele ar, que em teu olhar persiste,
como a dizer adeus, até um dia...
Olhar que fez cegar-me a poesia
quando, ao olhar pra mim, tu não me viste.

Aquele olhar alegre, guardo triste,
pois não pude entender porque sorria.

Desilusão

Afasta as pernas para meu cortejo.
Guarda o pudor atrás do fingimento.
Goza por nós a farsa do momento
nos camarins da arte do desejo.

Troca o teu disfarce por um beijo.
Ama esse objeto do cenário.
Deixa guardado, dentro do armário,
os vestígios de mim como sobejo.

Abre-me as páginas do diário
onde escreveste igual dramaturgia.
Lê, com a voz de atriz, a poesia,
onde o amor é verso imaginário.

Troca o beijo inútil e solitário
por rompantes de lábios ufanos.
Já desbotei batons por tantos anos,
que já não faço mais aniversário.

Mas não esqueças de que nos amamos,
quando a mentira ainda era verdade,
quando a tristeza era a felicidade
vestindo a fantasia que sonhamos.

Eu e Maria

Relembro do luar daquele dia,
posto que a lua -musa encantadora-
brilhava altiva, mais do que já fora,
soberana do céu em que sorria,

qual tico de amor e poesia
que um coração doara ao firmamento.
A lua, a testemunha do momento
em que meu coração me denuncia!

Foi quando, ao beijar-te sob lua,
a minha boca deu-se para a tua
e ali ficou, pra sempre, tatuada...

E foi também naquele mesmo instante
que tu ficaste, pela vida adiante,
tal qual a lua: "eterna namorada".

Êxtase

No peito, a paz reclama do cansaço
na hora em que o gemido adormece.
O coração contrito faz a prece,
enquanto a paixão acalma o passo.

A mão suavemente aperta o laço
que prende o desejo ao prazer
e o corpo deixa, enfim, amanhecer
a noite que envolveu-lhe num abraço.

A boca, a mordiscar a tez macia,
gagueja, entre palavra e poesia,
a jura de amor jamais cumprida.

E, finalmente, quando vem o sono,
a alma deixa o corpo ao abandono
e foge à procura de outra vida.

Flagício

Fere-me com orgulho desvairado.
Destila no meu peito a dor sofrida
e aplaudirei (de pé), por toda a vida,
co' as palmas que bateste no passado.

Destila todo o ódio em ti guardado,
qual ave do amor de asas perdidas,
que dorme encasulada nas feridas
e acorda as cicatrizes do meu fado.

Fere-me com o amor eviscerado
deste teu coração que se esvazia
das sobras de paixão e poesia,
que carreguei, sozinho, ao teu lado.

Desfia o perdão que foi negado,
quando capitulei ao teu capricho
e rastejei teu corpo, feito bicho,
em busca de razões pra ser amado.

Hora perdida

Bati minha saudade em tua porta
à meia noite do dia marcado.
Ouvi teu coração do outro lado,
mas o silêncio foi tua resposta.

E eu também me pus, ali, calado,
a esperar que a porta se abrisse
para dizer-te tudo o que não disse
e entregar-te todo amor guardado.

Mas não ouvi sequer um só rumor!
Sequer um só suspiro, um aviso...
um soluço, que fosse, um sorriso...
nem um sinal de vida e de amor.

Peguei minha saudade e parti,
levando, na bagagem da incerteza,
pedaços de lembrança e de tristeza
e todo o silêncio que ouvi.

Insensato

Meu coração reclama pelo teu,
como um pulmão reclama pelo ar!
E bate, e bate, e bate... sem parar,
que já nem sabe mais quanto bateu!

Teu coração arvora-se do meu,
como uma nau arvora-se do mar!
E nada, e nada, e nada... sem parar,
que já nem sabe o quanto percorreu!

Teu coração mantém meu coração
no fio entre o instinto e a razão,
que une um porquê a um talvez.

Meu coração, escravo sem senzala,
há muito e muito ouve e se cala
refém da sua própria insensatez.

Lágrima traída

Cintilante, a lágrima passeia
tangendo a aflição da minha boca.
Sem dar ouvidos a minha voz rouca,
cai, sepultando a dor por sob areia.

Meu coração de pronto titubeia!
Chora, no seu infarto de paixão,
a lágrima que cai do coração,
regando a dor que vai servir de ceia.

Olho pro nada com o olhar contrito;
Cerro meus lábios pra engolir o grito,
que a saudade em mim emudeceu.

E vejo a sua boca de partida,
levando o beijo que por toda a vida
acreditara que só fora meu.

Lamúria

Guardei, como um segredo bem guardado,
no imo da min 'alma -escondido-
o luto do amor que foi carpido
no pranto que jamais foi derramado.

Nem mesmo a flecha aguda do cupido
fincou no meu recluso coração,
mas mesmo assim carrego essa paixão
aonde quer que vá o meu sentido.

Ó Deus, que tudo vê e tudo sabe,
responda-me, enquanto não acabe
o resto da ilusão que me acalma:

Por que será meu pai... meu criador...
que guardo a face oculta desse amor
no fosso impenetrável de min 'alma.

Extremoso

Ó bela musa de olhar fulgente,
candente qual estrela luzidia,
olhar de quem enxerga a poesia
que ainda nem nasceu dentro da gente.

Ó musa, minha musa irreverente,
que fuça no peito, sem pudor,
atrás de algum vestígio de amor
que ainda não cansou de ser semente.

Ó musa que arrebatava-me o lirismo
nas dores da paixão que me assalta,
que rouba-me o ar, que ora me falta
e faz-me sufocar no ostracismo...

Destrói o que me resta da razão,
mas poupa, por favor, meu coração.

Melpômene

Ó bela musa de olhar fulgente,
candente, qual estrela luzidia,
olhar de quem enxerga a poesia
que ainda nem nasceu dentro da gente.

Ó musa, minha musa irreverente,
que fuça no meu peito, sem pudor,
atrás de algum vestígio do amor
que ainda não cansou de ser semente.

Ó musa que arrebatava-me o lirismo
nas dores da paixão que me assalta,
que rouba-me o ar que ora me falta
e faz-me sufocar no ostracismo...

Destrói o que me resta da razão,
mas poupa, por favor, meu coração.

Teus olhos...

Teus olhos -dois pedaços do meu sonho-
tristonhos vivem sós no infinito.
Alegres, os teus olhos são bonitos.
Contritos, não me lembro do tamanho.

Teus olhos -diamantes coloridos-
carpidos são dois lagos cristalinos.
Abertos, os teus olhos são divinos.
Fechados, são amores proibidos.

Teus olhos, dois desejos pareados,
talhados pela mão da poesia.
De noite são a luz que alumia.
De dia, um casal de namorados.

Teus olhos são quintais ensolarados
donde colhi o amor que me cabia.

Súplica de um Odisseu

Fiz emergir da minha odisseia,
dos dramas que me vêm coração,
este soneto, inda em construção;
do tímido artista sem plateia!

Para dizer-te, deusa desta vida.,
que tuas preces não se foram em vão;
que todas tuas noites de aflição
findaram, sim: É hora da partida.

Pois quanto vi-te, assim, tão distraída,
a murmurar meu nome com meiguice,
troquei todos meus sonhos pela vida;

Pus-me a gritar até que tu ouvisses.
Eis-me aqui, oh! musa enternecida!
Em rima e versos... Sou o teu Ulisses!

Sabor de ti

A minha boca, hoje tão deserta,
já serviu de oásis pro teu cio.
Já claudicou por teu corpo vadio,
cada descanso e nova descoberta.

Já abrigou-te frêmitos, gemidos...
e acalmou-te quando, em convulsão,
vertias teus suores de paixão,
enquanto eu cochichava ao teu ouvido:

Mentiras em sonetos e poemas;
murmúrios de amor em agonia;
suspiros sensuais em voz amena.

Hoje sedenta, triste e vazia,
preenche tua falta com fonemas
e o sabor de ti, com poesia.

Olhos negros

Teus olhos vestem luto pelos meus,
que há muito já perderam a visão,
feridos num duelo de paixão
entre a espera infinda e o adeus.

Meus olhos aprenderam dizer não
quando os teus olhos querem dizer sim,
pois quando eles olham para mim
conseguem devassar meu coração.

E assim, a tatear na escuridão,
meus olhos lentamente dão vazão
às dores e aos gemidos do adeus.

E choram e suplicam por clemência,
mas lá no fundo têm consciência
de que só podem ver à luz dos teus.

Teus olhos

Teus olhos (olhos negros) vestem luto
por uma amor que há muito já morreu.
Um amor tristonho e frágil, como o meu,
que vive muitos anos por minuto.

O amor entre Eurídice e Orfeu,
aquele amor servil e resoluto,
que é parte devoluta do tributo
de quem amou na vida e não sofreu.

Teus olhos são os olhos da saudade,
que veem para além da eternidade,
mas não conseguem ver o que há em mim.

E eu, que estou tão perto do teu passo,
não sei exatamente o que eu faço
enquanto a minha vida chega ao fim.

Perguntas tolas...

Por que será que eu te mereço tanto
se meu amor é como um cão sem dono?
Por que será que eu te roubo o sono
se nos teus olhos me converto em pranto?

Se deixo um rastro de infelicidade
colhendo as flores pelo meu caminho?
Se a minha sina é viver sonzinho
plantando amores pra colher saudade?

Não me respondas com sinceridade...
Podes mentir o quanto for preciso!
E até cobrir o choro com um sorriso,
pois vou saber que falas a verdade.

Conciliação

O amor nunca morre. O amor adormece!
Dorme numa prece e acorda num sonho.
Ressurge das cinzas, seu manto tristonho,
Do mesmo tamanho no sonho e na prece.

O amor não merece o cruel julgamento,
Nem o sofrimento das dores do adeus.
Devolva-me os beijos que eles são meus;
Os teus, são as dores do meu sofrimento.

Refleta um momento a beleza da jura,
A forma mais pura da fala do amor;
Não sejas tão cega, não sejas tão dura...

Eu sou teu poeta, tu és minha flor...
Se nós resistimos a tanta loucura...
Então vens comigo pra onde eu me for!

Minha mulher

Guerreira espartana,
mulher dos amores,
das lutas, das flores,
mulher amazona...

Da lida insana,
do riso, do pranto,
mulher do encanto,
da raça, da gana...

da casa, da terra,
do mar, da montanha,
da calma, da sanha,
da paz e da guerra...

Do amor, da paixão,
mulher fortaleza,
escrava e alteza
do meu coração.

Musa lusitana

Guardião dos teus íntimos segredos
no leito onde o pudor se espreguiça,
vi-te acordar do sono, submissa
às ilusões de horrendos pesadelos.

Cravei mil beijos sob os teus cabelos
a inflamar-te cada pensamento...
e viajei por teus encantamentos,
até que conseguisse entendê-los.

Fui descobrir, ao largo dos meus dias,
depois de serenado o furacão,
que a vida inteira fui um guardião,
posto a velar teu peito que dormia.

Meu coração seguiu-te, em romaria,
no lusco-fusco lúgubre do Fado,
até render-se ao teu, pobre coitado,
como Jesus nos braços de Maria.

Despedida do Parnaso

Foi-se o primeiro bardo do parnaso
e outro, e mais outro, e outro mais...
O mundo dos poetas dá sinais
de que não há poetas por acaso.

Poetas são longínquos ancestrais
de todas as espécies de artistas,
(pintores, escultores, ensaístas...)
que usam seus talentos naturais.

Quando um primeiro bardo abre caminho
a poesia agita-se no ninho
qual uma ave à espera de comida.

Recolhe as asas murchas, dá um pio...
e como quem começa a sentir frio,
agarra-se ao poeta de partida.

Um morrer lírico

Com toda a pieguice do momento
e a sobra de lirismo que me resta,
vou coroar de rimas tua testa
com versos de paixão e sofrimento.

Terás a minha cota de talento
posta à mercê da tua inspiração.
Terás também meu canto de paixão
para ninar o teu contentamento.

E, assim, quando morrer, terei vivido
e enquanto vivo for, terei sentido
a poesia em sua plenitude.

E ainda que não saibas quem fui eu,
hás de sentir na lágrima de adeus,
que fui poeta muito mais que pude.

À musa adormecida

Teus lábios quando mostram um sorriso,
são como dois febris adolescentes
despidos, frente ao branco dos teus dentes,
na imensidão do céu do paraíso.

Teus lábios são a nau de que preciso
pra navegar nas ondas da paixão
por toda a primavera e, no verão,
me embriagar até perder o siso.

Teus lábios, quando mostram a tristeza,
são como o despertar de uma princesa
à espera de um beijo que não veio:

O beijo deste príncipe encantado,
que adormeceu nos braços do passado
e hoje faz vigília no teu seio.

Amor esculachado

Ontem mandei às favas meu requinte:
troquei Bordeaux por Sangre de Boá
e fui ao botequim de inhá Sinhá,
bebi e vomitei por mais de vinte.

E ao me levantar (dia seguinte)
estava, de cueca e havaiana,
ao som de uma música mundana
oferecida por algum ouvinte.

Hoje, que descobri que sou poeta,
que amo a torta, quanto amo a certa,
com esse amor que é feito só pra mim:

o amor de um cachorro vira-lata,
que embriaga, dói... e que maltrata,
mas, mesmo ébrio, nunca chega ao fim.

Mitografia feminina

Filhas de Mnemósine e Zeus,
as nove deusas da mitologia:
Euterpe desmanchava em melodia
a poesia dos encantos seus.

Urânia (deusa da astronomia),
Melpômene (a deusa da tragédia)
fizeram juntas a tragicomédia
tão bem representada por Talia.

Érato (o amor em poesia)
cantava, com Polímnia, os hinos
que, em honra de Zeus, ela fazia.

Terpsícore, com gesto feminino,
dançava, enquanto Clio descrevia
Calíope num verso Alexandrino.

Amor volúvel

Tu aceitaste todos meus defeitos,
por sob a tua colcha de cetim.
Se já não sei o que será de mim,
não quero ver o teu amor desfeito.

Meu coração sacode em qualquer peito,
volúvel, que ele é, sem compromisso.
Sabe-se lá, talvez seja por isso,
que ele nunca dorme quando deito.

Oh! linda musa! Já não sei se valho
o amor-perfeito feito para ti.
Vim de tão longe e ao chegar aqui
meu coração perdeu-se num atalho.

Qual uma flor que nunca viu o galho
de onde alçou voo o colibri.

Despeito

Há sempre um riacho com despeito
pelas águas do rio mais perene,
enquanto segue o rio, em tom solene,
a viajar tranquilo sobre o leito.

No dia em que a chuva traz enchente,
o rio dá-se um pouco ao riacho
e vão seguindo juntos rio abaixo
até o mar, que espera logo em frente.

Assim é que o riacho, de repente,
por ver-se caudaloso e imponente,
esquece que há um tempo de estio.

E vai-se a chuva, e vai-se a água embora,
mas o riacho seco, como agora,
sustenta seu despeito pelo rio.

Será que bebi demais?

Covarde sempre fui e não sabia,
pois muito já briguei, e ainda brigo.
Mas por ter tanto medo do castigo,
eu tive que assumir a covardia.

Ceguei minha visão da utopia
para não ver o vulto do fracasso
andar, atrás de mim, a cada passo,
o verso que imola a poesia.

A covardia hoje é o abrigo
que me mantém a salvo do perigo
que ronda minha tibia inspiração.

E por ser um covarde, como tantos,
eu tento esconder-me atrás dos prantos.

Falso perdão

Peço perdão de todos os pecados,
até os que jamais eu cometi:
O beijo, nunca dado, que perdi
quando ainda era o namorado

de uma adolescente apaixonada.
Peço perdão por não haver beijado
os lábios que dormiam ao meu lado...
Peço perdão por tudo e por nada!

Peço perdão por não ter perdoado
a minha lucidez naquele dia.
Tu eras tudo (e mais) o que eu queria
e estavas à mercê do teu amado!

Se todos os perdões me forem dados,
eu mesmo assim jamais perdoaria.

Legado

Deixo-te meu adeus, com discrição,
pra que recebas, sem fazer barulho,
e pra dizer-te o quanto me orgulho
de termos dividido emoção.

Deixo também meu pobre coração
e sua dor, meu mais cruel castigo,
pra dividir, o que é de mim, contigo
quando teu peito arfar na solidão.

Entrego meu adeus em tua mão
pra repassares, como fosse o teu,
a quem soube de mim, mas nunca leu
o pouco que aprendi como lição.

Entrego neste adeus a tradução
de tudo o que sonhei que fosse meu.

Teresina, 01 de janeiro de 2012.

As águas do passado (hoje turvas),
motrizes dos moinhos de criança,
trouxeram, dos confins, uma lembrança
que conseguiu varar ventos e chuvas.

O rio serpenteia em sua andança,
enquanto a lembrança faz as curvas
e deixa para trás paixões viúvas
de um sonho nasceu da esperança.

Hoje, ao pisar o chão do meu passado,
meu coração, qual um cupido alado,
vagou pelos jardins de minha infância.

A terra, ainda quente, como outrora,
insiste em me lembrar que fui embora:
na brisa, no luar e na fragrância.

Lembrança pubescente

Beira de rio... o sol de Teresina!
As lavadeiras, entoando às margens,
faziam parte viva da paisagem
junto ao calor da brisa setembrina.

Nos seios rijos de sinhás-meninas
brincavam mil bolinhas de sabão
como se fossem neve de verão
a esculpir as formas femininas.

Bem junto delas meu olhar pidão,
a bolinar o falo pubescente,
fiz derramar a seiva inocente
que deslizou, feliz, por minha mão.

Vi o prazer, liberto da prisão,
descer as águas feito amor perdido
e navegar, num ténue gemido,
até o mar desta recordação.

Réveillon

Um novo ano está batendo à porta!
Sobre a corcunda pesam-lhe: o futuro,
um horizonte, gris e obscuro
e um fio de esperança semimorta.

E lá se vem, com sua perna torta,
cambaleando entre o céu e a terra.
Qual um soldado, pronto para a guerra,
o novo ano está batendo à porta!

Mísseis alados voam coloridos
(quais bombas de milhões de megatons)
e explodem, ora cores, ora sons,
no brinde da retina ao ouvido.

E quando Deus escuta o alarido
e a esperança chora comovida,
abrem-se portas, fecham-se feridas,
e o dia finge ter amanhecido.

Do ano velho, ouve-se um gemido
e ano novo dá sinais de vida.

Ser triste

Ser triste é não saber quando voltar.
É não sorrir de um riso de criança.
É não flertar alguém da vizinhança
ou, simplesmente, nunca ter um par.

Ser triste é perder a esperança
de um dia não saber como voltar,
ou de voltar sozinho, sem um par,
pra dividir os males de herança.

Ser triste é afinar o violão
e dormir o dedo no bordão,
enquanto a melodia vai embora...

Ser triste é manter viva na lembrança
a dor, que ora clama por vingança
e o perdão que a mesma dor implora.

Sem rumo

E lá se foi, sem nem olhar pra trás,
deixando o passado na lembrança
e o futuro aonde a vista alcança,
pois o presente não servia mais.

E levou junto as dores naturais
de um coração carpido na paixão.
Também levou o resto de emoção,
herdado dos seus tempos de rapaz.

E naufragou seus sonhos sob o cais,
e foi-se para os mares abissais,
qual uma nau sem remo e sem timão.

E não voltou, nem vai voltar jamais,
pois há de imergir onde os mortais
afogam o que restou do coração.

Sexta-feira à noite

A solidão, noturna companheira
da dor, da emoção, da boemia...
cansou de instigar a poesia,
que dorme no meu colo sexta-feira.

O vinho, a brasa morta na lareira,
a vela a derreter minha lembrança,
uma fotografia de criança,
um violão calado a noite inteira.

O sono me reclama a cabeceira!
Eu peço, por favor, a saideira
e deixo, de gorjeta pro graçaõ:

um verso, um suspiro, um lamento,
que juntos vão somar os dez por cento,
que a noite há de pagar pra solidão.

Aflicção de um menestrel

Há muito não escrevo um cordel,
mas hei de escrever, aqui prometo.
Pois o cordel namora o soneto
como o lápis namora o papel.

E há no sonetista um menestrel,
e há no menestrel um sonetista,
pois são duas versões do mesmo artista
e cada uma, à outra, é fiel.

Há muito o cordel não me procura!
Mas hoje ao olhar a noite escura,
(sequer uma estrela há no céu)

eu vou chegando ao fim deste soneto
a esperar que a chave do terceto
abra todas as portas do cordel.

Senilidade

Era uma vez um resto de saudade,
que habitava um velho coração!
Sobrevivia junto à solidão
que, de tão velha, já não tinha idade!

Vivia, como vive uma saudade,
a lamentar o pranto que caiu
e a ruminar no peito, já senil,
o merecido ônus da idade.

Era uma vez um resto de saudade,
que navegou na lágrima vertida
e naufragou na dor da longa vida,
deixando o coração pela metade.

Partiu já na primeira tempestade
e até hoje vive de partida.

Lembranças de São João

Os fogos, num balé alucinante,
dançam por entre nuvens de fumaça.
No peito, a saudade dói de graça,
enquanto o coração bate distante.

É junho... o luar meu pranto embaça,
distorce a visão da lua cheia,
enquanto o sangue vaga pela veia
na dor dessa saudade que não passa.

Meu Deus, como quisera ser criança!
Gritar para assustar a vizinhança
na noite enluarada de São João.

Pisar na brasa rubra da fogueira,
à espera de achar alguém que queira
a cinza que me embota o coração.

Estou chegando

Aceito teu convite companheiro
e levarei o meu melhor sorriso.
Eu vou chegar sem dar qualquer aviso,
pois o meu coração irá primeiro.

Levo uma flor que é pra lembrar o cheiro
que a poesia empresta à amizade.
Levo também um pouco de saudade
para acender a luz do candeeiro.

Aceito teu convite companheiro!
E não esperes, pois sigo ligeiro,
antes do trem de Minas apitar.

Não ponha a mesa, não arrume a casa,
um bule de café, deixe na brasa
e um soneto pronto pro jantar.

Estro

Sinto me esvair o "Eu" poeta!
Sorver-me o estro, a lira, a energial...
Meu tino, lentamente, se esvazia,
enquanto meu vazio se completa.

Há algo, aqui, em mim, que sentencia
o fim dos meus repentes de talento.
Algo que me embota o pensamento
e encurta-me a vista, qual miopia.

Sinto que já não sinto, como dantes,
a flama incandescente dos amantes
a ebulir o verso que, em vão,

padece, dentro em mim, dia após dia,
à espera de encontrar a poesia
que há muito o largou na solidão.

Estação da Seca

Nenhum botão sequer atrai o beijo
do velho beija-flor aposentado!
Em voo cego, beija angustiado
as flores que mataram seu desejo.

O azul, das densas asas, desbotado;
O velho xale verde, corroído...
são os sinais do fim descolorido
dos beijos que ficaram no passado.

Poeta-beija-flor, bico calado,
eu sou como um soneto sussurrado
ao pé d'ouvido de quem nunca ouviu.

Um versejar qualquer dalgum poeta,
que deixa o beija-flor de asa aberta
sobre o botão da flor que não abriu.

Arte definhante

Já não faço poemas como outrora!
Cada vez mais apelo ao consciente.
A minha inspiração está ausente
e a cada dia mais e mais demora.

A minha alma não é mais senhora
dos versos que me vêm ao pensamento.
Meu coração também não dá sustento
e a poesia já não evapora.

Tornei-me pouco a pouco mais ciente
e menos, muito menos, mais poeta.
Meu verbo veste roupa mais discreta
e já não se apronta de repente.

Não faço um verso só, inda que tente,
sem ter que repensar a rima certa.

Os primeiros passos

As tuas mãos, por sobre as minhas mãos,
serviram-me de guia na escrita.
A poesia (que coisa bonita!)
brotava aos montes feito um turbilhão.

Era um poeta e tu: inspiração!
Um par a degustar lua de mel!
No nosso leito, resmas de papel
guardavam todos os versos de então.

Hoje, cansado, durmo em um soneto,
enquanto a dor a se vestir de preto
vaga por onde só a dor alcança.

E se me bate à porta uma saudade,
evoco uma paixão da mocidade
e sonho abraçado na lembrança.

Saudação a um grande amigo

Meu bom amigo, velho companheiro,
que fiz por merecer, como um castigo,
e hei de carregar, aqui, comigo,
até dar o suspiro derradeiro.

Eu tento encontrar (e não consigo)
no livro dos Porquês, qual a razão
das bulhas do meu pobre coração
teimarem soletrar teu nome, amigo!

Quem sabe Deus, por pura ironia,
ou pra dar forma humana à poesia,
forjou do barro cru da eternidade

os versos que me vêm à cabeça,
à espera que jamais eu desmereça
a honra de saudar nossa amizade.

Eu

Esse meu coração que bate e erra,
e sacode apressado, sem descanso,
já foi bruto e cruel, agora é manso
como a luz do luar ao pé da serra.

Já não mata nem morre pela terra,
e em sofre nem chora por mais nada.
Calejou-se ao pó da longa estrada
e ao sangue vertido pela guerra.

Essa bomba pulsante e musculosa,
carne quente e vermelha como rosa,
que ofega em meu peito noite e dia...

Hoje esparge meu sangue, ao bel-prazer,
pelos fossos escuros deste ser
que sou eu e eu mesmo não sabia.

Sonho recorrente

Quando se aproxima do natal
meu coração badala, qual um sino,
a fustigar os sonhos de menino
que voltam feito dor precordial:

Papai Noel passeia no quintal,
oculto sob as sombras do ocaso,
à espera que a lua dê-lhe um prazo
e que a noite dê-lhe o seu aval.

Meu pai, impaciente, apressa o dia,
até que enfim a noite se anuncia
e o sono fecha os olhos sob a luz.

A minha mãe recolhe-nos ao quarto!
Eu durmo e sonho ouvir a dor do parto
que fez Maria a mãe de um tal Jesus

Chorando as letras de um poeta

Pudesse eu chorar e choraria
com letras lacrimais os teus poemas
e com amor adornaria os tremas
pra derramar o pranto em poesia.

Como não sei chorar letras a fio,
nem mesmo um verso triste de saudade,
choro, portanto, um pranto-piedade
qual lágrima de orvalho no estio.

Mas digo: se quiseres, meu amigo,
este meu velho peito como abrigo,
quiçá um dia eu chore em bacia

os versos que plantaste no quintal,
pra quando o pranto vir, em recital,
ouvir-me soluçar a melodia.

Debulhar o pranto

Quem me dera chorar, ai quem me dera!
Que seja uma lágrima fingida!
Chorar por qualquer coisa desta vida
para que faça jus ao que me espera.

Chorar por ver a flor na primavera;
as folhas desgarradas no verão;
os brotos que afloram pelo chão
a colorir de verde a grande esfera.

Chorar ao abraçar um velho amigo;
ao ver um lavrador ceifar o trigo
e ver o trigo, enfim, tornar-se pão.

Quem me dera chorar, inda que fosse
pra debulhar um pranto agridoce
no estio que secou meu coração.

Doce lembrança

Aquele ipê de copa penteada
pela brisa sutil da primavera
traz-me, à lembrança, a sombra do que era,
quando eu era ainda um quase nada.

No galho debruçado na calçada
balança o dobrar de um passarinho.
E vai e volta, assim, devagarzinho...
acarinhando a mão da namorada.

Ainda lembro a flor dependurada
na boca que por mim era beijada,
quando beijar ainda eu mal sabia.

Onde será que foi o passarinho!?
Quiçá fugiu, mas trouxe-me o ninho
em que eu aninhei a poesia.

Poema da solidão

Eu estou só, e tanto, e tão sozinho,
que ouço o mais calado pensamento,
qual bolha de sabão, solta no vento,
caindo em espiral redemoinho!

Estou só, bem no meio do caminho
que une o desencontro e a saudade,
onde o adeus abraça a eternidade
e conta seus segredos comezinhos!

Ah! Solidão! Poema à deriva
na imensidão do mar, qual água-viva
a desmanchar nas brumas da memória.

Deixa-me só, te peço, um pouco mais,
pois quando um poema se desfaz,
começa a escrever a sua história.

Era uma vez...

Era uma vez um resto de saudade,
que habitava um coração antigo.
Sobrevivia como por castigo
e de tão velha já não tinha idade.

Vivia, como vive uma saudade,
no coração (agora já senil)
de quem ficou chorando o que partiu,
deixando, de uma lágrima, a metade.

Era uma vez um resto de saudade,
que navegou na lágrima vertida
e naufragou em plena despedida,
antes que desabasse a tempestade.

E foi por este resto de saudade,
que esperei por ti por toda vida.

Pai

Este, que é de ti um fragmento:
o sêmen que aportou no fértil alvo
e emergiu à vida são e salvo,
ainda sofre a dor do nascimento.

Pois que o filho é o sentimento
que une alma e corpo à razão;
a coerência à contradição
e a eternidade ao momento.

Pai,dá-me tua benção se mereço
o colo, o amor e o apreço
do tempo em que era inda menino.

E vou levar, por toda minha vida,
cada palmada e mágoa ressentida
nos ombros herculanos do destino.

Sonetando o encontro com Rosa Pena

Uma Rosa que ri, e beija, e fala,
e encanta o seu próprio colibri.
Eis a Rosa que ora eu descobri
e no meu coração hei de guardá-la.

Uma Rosa que ouve, e sente, e cala,
e aceita o perfume de outras rosas,
qual a rosa dos sonhos cor-de-rosa
que libertam poemas da senzala.

Uma Rosa que é rosa e sabe disso
e, portanto, se impôs o compromisso
de viver como Rosa até o fim.

E por ser uma rosa, simplesmente,
vou levar seu perfume em minha mente
enquanto Deus regar o meu jardim.

No exílio de mim

Ah! essa solidão que me abraça
é a sombra servil e companheira,
tal qual um livro posto à cabeceira
que serve de alimento para a traça.

Há quinze anos minha vida passa!...
Eu a buscar o meu anonimato!
Hoje me vejo só como o retrato,
que escapou daquela mesma traça.

Algo de mim serviu-me de mordança,
calou-me a voz em plena liberdade,
feriu-me fundo e, sem piedade,
me atormenta enquanto me abraça.

Ah! Solidão! Eu bebo nessa taça
tragos de sonhos e maturidade!

Saudade pueril

Perto de onde eu morava,
morava toda alegria,
nem precisava vigia,
ela mesma se cuidava.

Não tinha criança de rua,
pois toda a rua era delas,
nem portas e nem janelas,
desde o sol até a lua.

E eu, ainda criança,
lá perto de onde eu morava,
tinha tudo o que eu amava,
não precisava mudança:

Tinha o mato feito trança
lá no quintal do vizinho,
onde eu ficava sozinho
Junto da minha lembrança.

Tinha o quintal do Bento,
que era bento e seguro;
O jenipapo maduro
Colhido nas mãos do vento

no seu devido momento,
quando o aroma era puro,
o talo já bem escuro
e o conteúdo liguento.

Tínhamos nós, de parceria,
a força de um vendaval.
Cada um e cada qual
com sua própria engenharia...

E uma só filosofia:
Uma amizade imortal,
cumplicidade total
e avesso à covardia.

Tão perto e tão antiga,
vive a minha saudade,
no madurar da idade,
mais tolerante e amiga...

Saudade boa de briga,
a guerreira da lembrança,
que luta pra ser criança,
quem sabe um dia consiga!

Vigília em solidão

Para dormires -mesmo em solidão-,
a solidão pode dormir contigo.
Por que a solidão, meu bom amigo,
não é castigo, não é punição.

Um homem só é o seu próprio abrigo
e interpreta o próprio sentimento.
Sabe da chuva através do vento,
e assim se antecipa ao perigo.

Durma, portanto, teu sono sozinho
e encontrarás no sono o caminho
por onde o pranto vira poesia.

E, se ainda assim, ao acordares
a solidão rondar os teus lares,
hás de sofrer bem menos que sofrias.

Prece de um poeta

Sou um poeta nato e vos digo:
Minha riqueza está na poesia.
Trago a alma cheia, a mão vazia,
pois ser poeta é tudo o que consigo.

Nasci poeta e penso, cá comigo,
que vou morrer poeta, tão somente.
Meu estro me assalta de repente
e rouba-me, do novo, o mais antigo.

O luxo, a soberba, a ostentação
escondem-se da minha inspiração
como o diabo esconde-se da cruz.

Ó Deus, tu que fizeste-me assim,
mata este poeta que há em mim
e queima todos os versos que compus.

Visão intuitiva

Bem no fundo fecundo da retina,
viu o poeta algo diferente!
E fez o coração vestir a lente
que torna a visão mais cristalina...

E viu a poesia na esquina,
parada no sinal à luz da lua,
e pôs-se a segui-la pela rua,
disposto a cumprir a sua sina.

E viu nos olhos, quase por acaso,
um riso que fazia pouco caso
do pranto que hesitava em rolar...

E viu o que há de ver quem imagina
que pode ver, no fundo da retina,
as coisas invisíveis ao olhar.

Soneto para o olhar de minha mãe

Olhar de mãe, retrato da saudade!
Olhos que veem sonhos no futuro.
De quem prevê o filho, já maduro,
chorar sobre o caixão da mocidade.

Ó minha mãe há anos que procuro
olhar por sobre os ombros da idade
para enxergar, em plena claridade,
o que tu enxergavas no escuro!

Mal sabes tu o quanto este teu filho
sentou-se a rabiscar em sonetinho
os versos que desbotam na lembrança...

Até que o olhar da poesia
fez-me enxergar aquilo que eu via
bem antes de deixar de ser criança.

Insensato coração

Ó coração que bate indiferente
a tudo o quanto penso e espero,
tu hás de acompanhar-me num bolero
no fim da minha curva descendente.

Ó coração traquino e eloquente
que trama a minha vida e minha morte,
tu hás retumbar inda mais forte
na minha descensão de ser vivente.

Meu insensato e torto coração,
tu hás de aprender a dizer não
ainda que me queiras dizer sim.

Pois quando os acordes do bolero
soprarem o que penso e espero,
terás de aplaudir-me até o fim.

Perda

Meu coração explode em poesia
e a poesia ferve em minha mente!
É como algo vindo de repente,
d'algum lugar que eu não conhecia,

tornasse minha verve eloquente
e o verbo independente da razão.
A poesia doma o coração,
que luta, e reluta inutilmente.

A sensação de perda de um amigo
é como apartar-se do umbigo
um feto desgarrado da placenta.

O verbo dá à luz à revelia
da dor, que a dor do parto anuncia,
enquanto o coração se arrebenta.

Minha poética

Escrevo o que me vem nesta cabeça.
Não paro pra pensar um só segundo.
A poesia, assim, aporta ao mundo
antes que o próprio mundo a conheça.

Escrevo tudo antes que me esqueça
do fio que me veio no momento,
pois se perder a luz do pensamento
talvez ele jamais reapareça.

Escrevo o fim bem antes do começo
e quase sempre omito o endereço
da musa que inspira-me a verve.

E quando, enfim, a transe se evapora,
meu coração há muito foi-se embora
e o verbo já não sabe pra que serve.

A casa do poema

A casa do poema está vazia!
O mato escondeu-lhe a fachada.
Persiste uma janela escancarada,
que teima em receber a luz do dia.

Por ela vai-se embora a poesia
e ficam letras mortas pelo chão:
Sonetos que não têm emoção,
canções em dissonantes melodias.

Um velho gato serve de vigia
à sombra de servil caramanchão
desfaz novelos, faz melancolia

e fia poesia e solidão.
A casa do poema -eu não sabia-
foi posta de aluguel no coração.

Eu poeta, por mim mesmo.

Poeta amador (literalmente)
eu sou, pois que escrevo por esporte.
Escrevo sobre a vida sobre, a morte...
e mais o que vier na minha mente.

Poeta, sou poeta, tão somente,
pois faço poesia "de ouvido".
Às vezes faço versos sem sentido...
Aqui e ali... um verso inteligente!

Poeta amador (de curvo porte)
eu sou, já que a luz não deu-me a sorte
e arte não deixou-me a porta aberta.

Poeta amador, eu tenho sido
e sei que inda serei, mas não duvido
que um dia alguém dirá que fui poeta.

Tributo à mocidade

De tanto que andei por botequins
a derramar meus sonhos juvenis.
De tanto acreditar que era feliz
dormindo pelos bancos dos jardins.

De tanto desfazer o que não fiz
sem mal preocupar-me com quem fez.
De tanto repetir: "mais uma vez" ...
e ouvir a confraria pedir bis.

De tanto perseguir o sol e a lua
e tropeçar no sono pelas ruas,
atrás de uma pretensa liberdade,

Escrevo um soneto, amiúde,
na esperança vã que me ajude
pagar o meu tributo à mocidade.

Por falar na saudade de Rosa Pena

Saudade é o que fica do que foi
quando o que foi faz falta ao que fica!
É um não-sei-o-quê, que não se explica
e deixa tudo e nada pra depois.

Saudade é reler —de Rosa Pena—
uma de suas crônicas antigas:
aquela em que conta, a uma amiga,
do beijo no escuro do cinema.

Saudade é acordar em Ipanema
e escrever, na areia, um poema
dos versos devolvidos pelo mar.

Saudade é enfim, e, finalmente,
aquilo que ficou na nossa mente
quando o que foi tem pressa de voltar.
!

Orgulho de mim

Orgulho-me de mim por mil razões:
Sou talentoso, tolo, indulgente...
Penso igual e penso diferente,
aceito e rejeito opiniões.

Orgulho-me de mim, completamente,
por ter coragem, medo, indiferença...
por ter ou por não ter a mesma crença,
por ser o que não mente e o que mente.

Orgulho-me de mim, mas, muito mais,
orgulho-me do orgulho de meus pais
ao falarem do filho, que sou eu.

Orgulho-me, enfim, por um motivo:
O meu orgulho sabe manter vivo
o orgulho que é de outro e não meu.

Viagem de volta

Tanta espuma banhou as nossas vidas,
Caudal macio em que flutuamos.
Cada cerveja, cada taça erguida,
São probas testemunhas desses anos.

Tantas noites servis foram cativas
Aos versos fúteis que nós ensaiamos,
Ao violão, ao copo e às cantigas,
E à embriaguez que juntos vomitamos.

Olinda! Foste o palco desse sonho,
E também foste o maior abrigo
Dos ideais que não aceitam dono;

Os ideais que têm a ver comigo:
Gostar da noite, reviver um sonho,
E dividi-lo ao meio com um amigo.

Gêmea solidão

A tua solidão é como a minha,
só um convite para a fantasia.
Uma solidão que, de tão vazia,
procura um jeito de ficar sozinha.

Ficar calada espreitando o sono,
trazendo a noite para o travesseiro.
Sabe lá Deus quem vai dormir primeiro
e quem se entrega mais ao abandono.

A minha solidão é, como a tua,
sombra guardada a vaguar na rua,
que não reflete a imagem no espelho.

Mas que reflete uma forte lembrança,
de que o amor é sempre uma esperança
que vem em sonhos pra nos dar conselho.

Viagem numa saudade amiga

O passado guardado na gaveta,
amarrotado verso de saudade,
dormiu na tosca obscuridade
de uma tristeza antiga e obsoleta.

Fiz acordá-lo e vir à claridade,
à luz dos versos de um poema antigo,
o poetar dos sonhos de um amigo
no esplendor da sua mocidade.

E viajei no tempo e na verdade
pelas estradas do antigamente,
a carregar-lhes versos, penitente,
por sobre os ombros da maturidade.

Da poesia, trago em minha mente
o verso que vestiu nossa amizade.

Oniromancia

Eu guardo, a sete chaves, mil segredos
do leito em que o pudor se espreguiça
e prende a terna musa, submissa,
nas teias dos lascivos pesadelos.

Mil vendavais ouriçam-lhe os pelos
atentos aos apelos da libido,
enquanto a boca acalma-lhe os gemidos
e tenta, a todo custo, escondê-los.

Seus sonhos são sonâmbulos desejos,
que varam noite adentro atrás dos beijos
até o despertar dos rouxinóis.

A mim, vil brizomante e poeta,
cabe verter o que a paixão secreta,
por sob a fina trama dos lençóis.

Um porre de saudade!

Saudade, esconderijo do outrora!
Hiato, entre a lágrima e o riso,
por onde viajei e só por isso
sinto saudade como sinto agora.

Como um adeus que nunca foi embora
ou um regresso que não vai voltar.
Como dormir na hora de acordar,
só pra sonhar até perder a hora.

Como beber e não se embriagar,
ou ficar sóbrio de tanto beber
até sentir o chão cambalear

e de saudade vir a enlouquecer
e, enlouquecido, atirar-se ao mar
e afogar-se à luz do próprio ser.

Ladrão de poesia

Já vai distante o tempo que a paixão
rondava, nas esquinas deste mundo,
a procurar o amor de um vagabundo
que, como eu, vivia em solidão.

Eu era pouco mais que um ladrão:
um vate a roubar, da poesia,
a arte, que no verso se escondia,
enquanto eu procurava inspiração.

Já tão distante (quase eternidade),
o tempo envelheceu minha vontade
e o que roubei outrora não me serve.

Hoje, sou um poeta de partida,
a mendigar um verso que, na vida,
foi sonho de paixão, inda que breve.

Por falar de adeus

Há um adeus caído na estrada
que leva o seu pranto ao meu pesar.
É um adeus em busca do seu par,
que se perdeu e não deixou pegada.

Há outro adeus, na voz da madrugada,
que fala de saudade e de desejo.
É um adeus que começou no beijo
em que o amor findou sua jornada.

Há um adeus mais perto da saudade
e outro, a claudicar, já na metade
da curva de chegada. E, no entanto,

há sempre há um poeta de passagem
pra decifrar a última mensagem,
que o pesar envia para o pranto.

Coração-poeta

Este meu coração velho de guerra,
que sacode avexado, sem descanso...
já foi bruto e cruel, agora é manso
como a luz do luar ao pé da serra.

Já não morre de amores pela terra
ou paixão pela musa mais amada.
Calejou-o, coitado, a longa estrada
das paixões e amores que ele encerra.

Esta bomba pulsante e musculosa,
carne quente e vermelha, cor-de-rosa,
que contrista meu peito à revelia.

Hoje verte meu sangue, a bel-prazer,
nas entranhas sombrias do meu ser
como um rio num mar de poesia.

Vozes do exílio

—Há dias que Gonçalves não escreve mais!
É que Gonçalves, dias antes me dissera:
—olha poeta, sente esta atmosfera
e escuta o sabiá cantar nos palmeirais.

—O sabiá, poeta, levará teus ais
ao coração e até a alma da palmeira.
Se Deus quiser (e é certo que ele queira)
o velho sabiá não morrerá jamais.

O vate (ser humano de antiga era)
confessa pra Gonçalves ser o sabiá,
que veio do exílio e trouxe para cá
uma canção guardada em sua longa espera.

Gonçalves (que floriu em outra primavera)
ainda hoje espera o velho sabiá.

Estou indo...

Já antegozo minha estadia
na freguesia das Minas Gerais!
Ainda que eu ganhe um quilo a mais
me sentirei mais leve a cada dia.

Se no cardápio há tanta poesia
pra temperar o gosto do feijão,
sinto no peito aquela sensação
de que terei bem mais que merecia:

um fado com sabores de Lisboa...
uma cachaça velha, muita loa...
e uma rede pronta pra deitar.

Que mais, dileto amigo posso ter,
se tenho o dia inteiro pra beber
e o céu da madrugada pra sonhar?

Lembrança morta de um passado vivo.

Lá vem o caminhão do gás butano
tocando "Für Elise", de Beethoven,
guardando, na memória dos que ouvem,
as notas enfadonhas do piano.

Era dezembro, quase fim de ano!
Meu botijão de gás, já no vazio,
qual solo de sertão, em pleno estio,
sempre esperou seu deus mudar seu plano.

E foi-se o caminhão de gás butano,
tocando "Für Elise" ao piano,
a fononar por toda a freguesia.

Era dezembro sim, era dezembro!
Meu botijão de gás, inda me lembro,
tentou, em vão, seguir a melodia.

Intuspecção

Nesta tarde em que ouço a voz vento,
qual sussurro de amor ao pé do ouvido,
procurei por um verso escondido
no longínquo abissal do pensamento.

Encontrei o pesar de um sofrimento;
um suspiro de amor após um pranto;
e um versinho perdido nalgum canto
entre o fundo do mar e o firmamento.

Encontrei, sob a flecha do cupido,
algo escrito, que ora inda duvido
alguém leu algum dia para alguém.

Encontrei finalmente o que procuro:
alguns laivos de cor no fundo escuro
em que pinto a saudade do meu bem.

O poeta, esse menino!

Olhei pro jovem homem, lá, parado!
Era o retrato vivo de um poeta!
Havia cães nas têmporas cobertas:
as testemunhas vivas do passado.

Riu-se, com seu sorriso declamado,
como quem faz do riso a poesia.
Senti que sua alma também ria,
quando ficamos juntos, lado a lado.

E deu-me a impressão que já sabia,
que Deus nos reservou aquele dia,
(qual fosse um feriado do destino)

para brindar a tal felicidade
de haver chegado até a nossa idade,
sem ter perdido a alma de menino.

Algemas

Menino, ainda tolo, ele era,
quando escreveu a última sentença.
Pois quando se escreve o que se pensa,
liberta-se, da mente, uma megera.

Menino, nunca soube o que fizera
pra ver-se alijado da escola:
nunca roubou nem nunca cheirou cola,
nem esmagou a flor da primavera.

Fecharam-lhe as portas (todas elas)
sem que jamais soubesse a razão.
Muito depois, passada a escuridão...
De tanto ter forçado a janela,

alou a liberdade e só (com ela),
trancou todo o passado na prisão.

Carris da saudade

E vai-se o trem, ao som de carrilhões,
a vaguear nos trilhos da infância.
Vai, a gemer as dores da distância,
enquanto o tempo embarca nos vagões.

Pois que o trem tem lá suas razões
pra carrear saudades pelos trilhos,
e pra cantar dolentes estribilhos,
e palmilhar a vida em procissões.

E vai-se o trem (partiu de Teresina)
a golfejar fumaça na neblina,
qual um cigarro aceso ao relento.

E eu, este soturno passageiro,
afogo a solidão no travesseiro
e durmo nos vagões do pensamento.

Para um amigo qualquer

Amigo de verdade não carece
de prova de amizade ou coisa assim.
Amigo é amigo até o fim,
ainda que não reze a mesma prece.

Amigo não pergunta se merece
um beijo, um abraço, um castigo...
pois sabe que no ombro do amigo
a amizade faz seu o alicerce.

Portanto, meu amigo, eu te peço,
(ainda que eu seja um réu confesso)
perdão por não saber pedir perdão.

Invoco teu amor pelo soneto
para pedir que enterre no teu peito
os erros do meu pobre coração.

Retalhos de uma saudade

Saudade de sentir! Tenho saudade
de ver e remoer no pensamento
(quer seja a alegria ou o lamento)
minha lembrança posta em liberdade.

Pois a lembrança, sua majestade,
(a soberana deusa do passado)
matem no coração, encarcerados,
os sonhos não vividos de verdade.

Retalhos flavos, rubros, coloridos...
cerzidos pelos prantos doloridos,
que molham minha colcha de saudade.

Aqui chorei o amor que foi perdido:
o amor que, qual a flecha do cupido,
deixou meu coração pela metade.

Menção a um heterônimo

A alma de Messias e a minha
são como vento e chuva no verão:
dois corpos com um mesmo coração,
dois reis a dividir uma rainha.

Dois cachos naturais da mesma vinha,
dois terços de uma mesma oração,
dois sóis a dividir a solidão,
que há de viver e até morrer sozinha.

A alma de Messias é minha
desencarnada à luz da poesia.
A minha alma é a de Messias
quando uma alma ele ainda tinha.

Onde andaré Messias? Adivinha:
nos pastos a cuidar das suas crias.